

O BEIJA-FLOR.

JORNAL NOTICIOSO E RECREATIVO.

REDACTORES : diversos.

Anno I.

Publica-se quinzenalmente aos domingos.

N. 6.

Domingo 2 de Fevereiro de 1868.

O BEIJA-FLOR.

Desterro, 2 de Fevereiro de 1868.



QUANDO o cactus levanta a cabeça somnolenta ás vibrações da noite, sente estuarem-se em seus seios as canções plangentes de Marion de Lorme.

Quando a bobina de pi-errot verde e botinas de encarnado espera no parque de algum castello feudal o seu namorado waude-wille, orna a fronte de branco e proclama-se virgem.

Quando a cicuta accorda dos sonhos tenebrosos q' lhe perpassam rapidos sobre o craneo, e se vê á borda do lago mi-asmático do vicio, relembra o banquete dos Borgias e os festins de Balthasar.

Ora o cactus representa o drama, a bobina a comedia, a cicuta a tragedia.

Trionia gigante que acompanha a humanidade nos seus vôos de condor, e em suas quedas de fatalista.

Que seria da sociedade se ella não se revestisse destes tres generos de poesia, desde o começo da marcha dos seculos?...

A mulher, essa força centripeta do mundo moral, encarada unicamente pelo lado simples da familia, mereceria as epopeas sublimes da Biblia e dos livros indianos?

O homem, essa força centrifuga da sociedade positiva, acaso ter-se-hia elevado ás alturas de um ser pensante, nos degraus luminosos dessa gloria que Chateaubriand e Scwit tambem souberam descrever nos seus poemas—a creação?

E' facto Incontestavel q' não pôde haver lagrimas sem sorrisos, tempestades sem bonanças, e como poderia haver poesia na humanidade se ella fosse exclusivista do bem, ou exclusivista do mal?

E' mister que o vicio se allie á virtude afim de que possa haver o contraste verdadeiro, para se conhecer quanto é digna aquella de apothese, e este de anathema.

Applicando agora estas razões ao pequenino *Beija-Flôr*, diremos que seus seios são bastante largos para contemrem esses tres generos de litteratura que acima especificamos e que por sem duvida deverão fazer a sua apothese e a recreação de nossos leitores.

E' fóra de duvida que somos bastante fracos para que possamos lançar nossos echos ás brisas do norte ou aos rumores do sul, mas o *Beija-Flôr* é sympathico, elle segredará ás rosas os seus mysterios de poeta, as rosas os segredarão ás arvores, as arvores os segredarão ás montanhas, e estas com suas bosinas de ouro os sacudirão ao romper das primaveras pelas campinas azues do infinito.

O *Beija-Flôr* é como um fac-simile dos Magos da Biblia, marcha com a consciencia em Deus e com os olhos no horisonte. N'Aquelle existe a fé que lhe atténua o cansaço; nesta, existe a luz que lhe illumina a vereda do dever e que lhe colore as esperanças.

O *Beija-Flôr* é voluvel, travesso, pequenino, mas tão amavel, tao casto, que beija todas as flores no seu adejar constante, sem que as lize em seu orgulho, e sem roçar-lhe as roupas co'a ponta de sua asa dourada.

Noticiario.

Collegio do SS. Salvador. — Começão a funcionar amanhã as aulas deste collegio.

O amor. — Palavra sem significação propria, sonho dos jovens, amarga recordação dos velhos, demonio da seducção, synonymo de « apanha-dotes », sol d'illusões no inverno da vida, estrella errante dos poetas, barca de salvação para o auctor dramatico, transmissor para Rilhafolles, paraíso das donzellas, inferno das mamãs, e zero dos philosophos.

Boa razão. — Um nosso amigo tem por costume levantar-se todos os dias extremamente tarde.

Quando alguém lhe lança em rosto a sua preguiça, responde :

— Todas as manhãs me vejo obrigado a sentenciar um pleito entre a negligencia e a actividade. Esta diz-me que me erga e me occupe em cousas uteis ; a outra sustenta que estou muito melhor na cama, e que mais vale o descanso do que o trabalho.

Emquanto ambas adduzem as suas razões, escuto-as attentamente, para depois poder lavar a sentença. A discussão prolonga-se, o que dá em resultado levantar-me sempre tarde.

As partidas dobradas. — Estava um guarda-livros fazendo a escripturação de uma casa commercial, e de proposito deixara para o fim da partida os traços que tinha de dar cada vez que lançava.

Um *parvenu* debruçando-se sobre a meza em que o guarda-livros escrevia, perguntou-lhe :

— Que systema de escripturação é este ?

— Partidas dobradas, senhor !

— Impossivel !

— Como ?

— Impossivel ! — Partidas dobradas sei eu : — tem muito maior numero de traços do que os que vmc. tem dado !

A esperanza e o somno.

(VOLTAIRE.)

A infinita clemencia do Deus que nos creou, para suavisar os males desta vida transitoria, collocou entre nós dous seres bemfazejos, perpetuos amáveis habitantes da terra, amparo nos trabalhos, thesouro na indigencia ; um é o doce somno e o outro é a esperanza. Um, quando o homem opprimido sente vencidos e fatigados os órgãos de seu fragil corpo, vem por meio de uma feliz calma valer a natureza, e trazer-lhe o olvido dos labores que supporta ; o outro anima os nossos corações, inflamma os nossos desejos, e mesmo illudindo-nos nos dá veros prazeres : porém aos mortaes queridos, a quem o céu a envia, ella não inspira uma passageira alegria, traz de Deus a promessa e o apoio ; é inabalavel e pura como Elle.

A. T. C.

POESIAS

Mulher !

Sup plico-te, mulher, — dá-me um suspiro.
Deixa que eu viva ao menos um minuto

Do alento de teu seio ;

Dá-me o balsamo sancto de teus labios.

— Um beijo... — e n'ello eu morrerei contente
A' dor, ao mundo-alheio !...

Dá-me esse allivio ás ulceras do peito...
Si é veneno, si macta, — oh! dá-m'o ainda.

Que eu desejo essa sorte

Bebida de teus labios descerrados

'Num suspiro, 'num beijo... — e a fronte exausta
Penderei para a morte !...

Em chammas tenho a fronte, o peito em chammas
(mas :

Preciso agua do céu que m'as apague

'Num devaneio sancto ;

E só tu tens esse licor divino,

Tens-no em teus labios, em teus olhos tens-no,
Que são beijos e pranto...

Ao teu cantor, mulher, não o-recuses,

Não queiras ver-lhe a aurora da existencia
Para o nada pendida :

Não negues esse balsamo celeste

Ao teu bardo de amor, — não dês-lhe a morte
Podendo dar-lhe a vida !

Ed. Nun.

Canta.

PARODIA A' POESIA DE E. N. PIRES.

Nunesio bardo, teu cantar é doce
 Como a bondade do potente Ser,
 E' um suspiro que das brandas auras
 Vai á tardinha no jardim gemer.

E' divo, é casto, qual da bella virgem
 Terno suspiro de soffrer, de dor,
 E' gota d'agua derramada em flores
 Nos seios dellas á fallar de amor.

E eu me ufano se te ouvindo os cantos
 Noto os primores de um viver feliz,
 Oh ! sim! eu noto que te fallão n'alma
 De Deos os dotes que doar-te quiz.

Nunesio bardo, teu cantar é doce
 Como a bondade do potente Ser,
 E nestes cantos, e nas fallas tuas
 Será doce morrer ! . . .

Rib. Carv.

A' S. P.

Consola-te commigo: —nos amores
 Nem uma vez sequer tive alegrias:
 Oh ! nunca te-seduzam os fulgores
 Que em noites de luar teem as madrias.

Assim como ellas branquejando correm
 A sumir-se nos pégos horrorosos,
 Assim fagueiras esperanças morrem
 Da mulher aos olhares mentirosos.

1865.

Ed. Nun.

A' morte de Marília.

Eu deliro, oh! meu Deus! sim, eu deliro
 Minha vida desgraçada se tornou !

Essa virgem tão formosa que eu amava,
 Veio a parca inhumana e m'a roubou !

Oh ! morte, tyranna morte,
 Que me roubou o meu bem,
 Jé que tal couza fizeste
 Tira-me a vida tambem.

Não quero agora
 Jámais viver :
 Perdi Marília,
 Quero morrer.

Que serve a vida
 Sem o prazer ?
 Perdi Marília,
 Quero morrer.

Perdi esse anjo
 Meu bem querer :
 Despréso a vida,
 Quero morrer.

Ol. C.

Motte.

Se é defeito ser mulato
 Eu o devo á natureza.

(A. R.)

Gloza.

Pergunto ao vulgo sensato
 — Responda sem ironia
 Sem sophismar na porfia
 Se é defeito ser mulato.
 E se julgarem cordato
 Ser defeito, ser baixeza,
 Direi com toda a franqueza
 Que disso não sou culpado,
 Se não ser branco é peccado
 Eu o devo á natureza.

R. Carvalho.

MUTILADO

Um beijo.

Quem me dêra, morena formosa,
 Nos teus lábios um beijo depôr !
 Nada mais exigira, morena,
 Para prova que votas-me amor.

Beijos dá a triste rôla
 A seu amante queixoso,
 Só de ti nunca colhi
 Um doce beijo amoroso !

As mimosas borboletas,
 Em seu doce esvoaçar,
 Beijos dão também nos ares :
 Só tu não m'os queres dar !

A pura brisa da tarde
 A' rosa corre a beijar,
 Que baloiçando em su'haste
 Não se despreza em lh'os dar.

E tu, que és do meu peito alma e vida,
 Toda cheia d'encantos e odôr,
 Dá-me que nos teus lábios mimosos
 Doce beijo deponha de amor.

A. C.

A Zizina.

Zizina, em teu coração,
 Meo amor pode habitar ?
 Me diz, porque já sinto
 Terno desejo em te amar.

Zizina tu não respondes!
 Meu coração sente dôr:
 Porque me tratas assim,
 Não queres pois meo amor ?

Porque me lanças teos olhos,
 Para mim de compaixão ?

Não sabes que te amo muito,
 Que nutro por ti paixão ?

Zizina, bella Zizina,
 Porque me tratas assim ?
 Porque em meo peito lançaste,
 Abrazado amor sem fim ?

Ingrata, não me desprezes,
 Arde-me o peito em paixão
 Ah ! quem me dera que fosse
 O leão bem meo coração.

Pereira de Souza.

CHARADA.

Sosinha de certo não posso
 Aos humanos roubar attenção,
 Porém junta às demais que são seis
 Formulo uma composição. 1

Se me dobras, leitor, assim faz
 O carneiro na limpida fonte
 Depois de pastar á vontade
 Nas encostas de fragoso monte. 1

Adalia formosa e jucunda
 Era assim que fazia ao amante
 Quando com elle brincava
 Dizendo ser firme e constante. 2

Quem eu sou, oh ! mortal, nunca queiras
 Nem por graça alli habitar;
 Pouca luz, muito frio, e relento,
 Junto ás trevas tu vás encontrar.

A decifração da charada do numero antece-
 dente é — Paixão.

Declaração.

Estando a concluir-se o 1.º trimestre deste
 jornal, rogamos aos Srs. assignantes, que ain-
 da não satisfizerão as suas assignaturas, hajão
 de o fazer quanto antes, afim de poder esta
 empreza occorrer ás despesas, que tem com a
 publicação deste jornal.

TYPOGRAPHIA DO MERCANTIL.

MUTILADO